

Os rios da miséria no tríptico do Capibaribe de João Cabral de Melo Neto

The rivers of misery in the triptych of the Capibaribe of João Cabral de Melo Neto

Resumo

Neste artigo, analisamos como o poeta João Cabral de Melo Neto, a partir das reflexões contidas nos poemas: *O cão sem plumas* (1950), *O rio* (1954) e *Morte e vida severina* (1956), revela as interconexões existentes entre as novas percepções sensíveis elaboradas sobre a pobreza e as reflexões literárias desenvolvidas em meados do século XX. Nosso objetivo é produzir uma interpretação das imagens e das representações de novo tipo que o poeta pernambucano inaugurou com o seu tríptico do Capibaribe. Essa perspectiva de análise busca evidenciar como o registro e a reflexão da pobreza produzidos nesses poemas propiciaram uma autocompreensão moderna de país a partir de uma experiência regional e local. Esse prisma procura entender este processo como produto de uma historicidade que articula história intelectual e história urbana tendo sua centralidade na cidade do Recife.

Palavras-chave: João Cabral de Melo Neto, Sensibilidade, Tríptico do Capibaribe

Abstract

In this article, we analyze how the poet João Cabral de Melo Neto, based on the reflections found in the poems *O cão sem plumas* (1950), *O rio* (1954), and *Morte e vida severina* (1956), reveals the interconnections between the new sensitive perceptions developed about poverty and the literary reflections that emerged in the mid-20th century. Our goal is to provide an interpretation of the images and representations of a new kind that the Pernambuco poet introduced with his *tríptico do Capibaribe*. This analytical perspective seeks to highlight how the representation and reflection on poverty in these poems contributed to a modern self-understanding of the country, stemming from a regional and local experience. This lens aims to understand this process as a product of a historicity that links intellectual history and urban history, with its focus on the city of Recife.

Keywords: João Cabral de Melo Neto, Sensibility, Triptych of the Capibaribe

Fecha de recepción: 25 de octubre de 2024

Fecha de aceptación: 18 de mayo de 2025

Os rios da miséria no tríptico do Capibaribe de João Cabral de Melo Neto

Fabio Silva de Souza*

Introdução

Em meados do século XX, a nova sensibilidade intelectual¹ em relação à pobreza não ficou restrita aos espaços acadêmicos ou às reflexões de caráter ensaístico. A poesia ofereceu significativas contribuições para o debate sobre o subdesenvolvimento nordestino. A miséria e seus personagens eram temas recorrentes nos versos dos poetas pernambucanos desse meio de século (Andrade, 2019). No entanto, esses poetas não conseguiram se desvencilhar dos matizes do "romance de 1930", cujo discurso defendia as tradições regionais a partir de uma perspectiva conservadora da história (Santiago, 2006: 45). O principal expoente da poesia que elaborou uma leitura original das mazelas sociais que afetavam a sociedade pernambucana foi João Cabral de Melo Neto. Antônio Cândido pontuou que até 1930 a elite letrada brasileira tinha uma má consciência em relação ao persistente atraso econômico e social da sociedade brasileira e indicou o percurso percorrido para que, no pós-guerra, essa perspectiva se transformasse em uma visão trágica e realista de país subdesenvolvido (Candido, 1989). No contexto dos poetas pernambucanos foi João Cabral quem inaugurou essa nova visão trágica e realista com que a poesia passava a encarar as mazelas da sociedade com o seu tríptico do Capibaribe: O cão sem plumas (1950), O rio (1954) e Morte e vida severina (1956). No período em que essas obras foram publicadas nenhuma questão se colocava mais urgente para a intelectualidade local do que a multidão de miseráveis que circulava pelas ruas da cidade do Recife.

Nesse meio de século, a população da capital pernambucana contabilizava cerca de 700.000 habitantes. Se, em linhas gerais, podemos definir a pobreza como sendo a carência no que concerne à satisfação das necessidades humanas básicas, tais como alimentação, moradia e vestuário, demandas ligadas à luta por direitos sociais na sociedade brasileira desde o século passado (Carvalho, 2001) e que ganharam contornos mais acentuados no Nordeste do país em virtude do ônus do passado colonial e da resistência às mudanças pelas oligarquias locais (Furtado, 2007 [1959], 1964), parcela significativa dos habitantes da capital pernambucana vivia em um estado de miserabilidade. Na década de 1940, a cidade do Recife tinha cerca de 230 mil pessoas "improdutivas", vivendo marginalizadas em palafitas erguidas nas margens dos rios Capibaribe e Beberibe, assim como em mocambos em outras partes da cidade (Castro, 1984 [1946]).

As favelas e os mocambos estavam por toda parte. Recife era, à época, o expoente do subdesenvolvimento econômico e social da região Nordeste devido à crise da dinâmica econômica rural, na qual se assentara as economias do açúcar e do sistema algodão-pecuária

* Bolsista de pós-doutorado da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP), Brasil. E-mail: fabiosilvads@yahoo.com.br

¹ Definimos "sensibilidade" como os fenômenos coletivos que têm a especificidade de serem interiorizados, de serem ao mesmo tempo objetivos e subjetivos. A partir das formulações teóricas de Pierre Ansart, essa dimensão se refere a "como os sentimentos coletivos convivem e dão sustentação às práticas políticas particulares" (Ansart, 2019: 8).

(Oliveira, 2008), agravada pelos avanços do desenvolvimento industrial do Centro-Sul do Brasil no pós-1930, que drenava os recursos humanos e financeiros do Nordeste (Furtado, 2009).

As alterações na estrutura econômica brasileira, que era voltada para a exportação de produtos agrícolas para o mercado mundial desde a época colonial, produziram o fenômeno da migração em larga escala da população do campo para as cidades sem planejamento urbano. Os camponeses, que o sistema econômico assentado no tripé latifúndio, monocultura e trabalho semiescravo não conseguia mais manter nas condições mínimas de produtividade econômica (Andrade, 1963), passaram a abarrotar as grandes capitais, em especial a cidade do Recife, constituindo um exército de reserva de mão de obra a baixo custo (Oliveira, 1977). Esse fenômeno contribuiu para que a capital pernambucana se tornasse a cidade mais empobrecida de uma das regiões mais pobres do mundo (Page, 1972). Nas palavras de Josué de Castro, eram homens, mulheres e crianças vivendo:

[...] da pesca de caranguejos e siris, chafurdando nesse charco onde tudo é, foi ou vai ser caranguejo, inclusive a lama e o homem que vive nela. A lama misturada com urina, excrementos e outros resíduos que a maré traz, quando ainda não é caranguejo, vai ser. O caranguejo nasce nela e vive dela. E o homem que aí vive se alimenta desta lama sob a forma do caranguejo. As populações mantidas através desse trágico "ciclo do caranguejo" representam um resto do monturo humano que o vento quente das secas joga nas praias do Nordeste (Castro, 1984, [1946]: 241).

Uma das características dessa cidade subdesenvolvida eram os pobres e os ricos vivendo em regiões compartilhadas, variando o tamanho e a qualidade da habitação. O espaço urbano do Recife, onde eram aprofundadas as desigualdades socioeconômicas, foi se modificando na medida em que a miséria extrema se deslocou do meio rural brasileiro e invadiu o tecido urbano daquela cidade de maneira avassaladora entre os anos 1940 e 1950, alterando profundamente sua paisagem urbana.

A cidade modificava-se vertiginosamente pela decomposição do complexo rural; a cidade modificava-se pela emergência de novas forças sociais e políticas; a cidade modificava-se pelo crescimento do número de mocambos; a cidade modificava-se pela destruição de mocambos e pela construção de vilas habitacionais; a cidade tornava-se rebelde em suas múltiplas expressões; portanto, como fazer essa menina, tornada mal-educada [...] voltar a ser a sinhazinha de outrora? (Pontual, 2001: 427-428)

De um extremo a outro da cidade do Recife, nesse meio de século, os bolsões de miséria eram encontrados em meio a ilhas de riqueza e casarões das elites tradicionais. Esse cenário que entrecruzava aspectos sociais, urbanos e econômicos informou a nova sensibilidade intelectual em relação à pobreza, base das novas reflexões sobre o Nordeste gestada nos espaços de sociabilidade intelectual e política da capital pernambucana no pós-guerra.

Durante o período colonial, Pernambuco era um dos mais importantes centros econômicos, políticos e intelectuais do Brasil. Em meados do século XIX, dois fatores contribuíram para mudar esse cenário. Primeiro, a proeminência do complexo econômico do

Centro-Sul sobre as demais regiões brasileiras. Segundo, o aumento do dinamismo urbano e cultural do Rio de Janeiro, a capital federal. Essa perda de protagonismo no âmbito nacional contribuiu para limitar o prestígio econômico, político e cultural de Pernambuco frente às regiões Norte e Nordeste. Apesar de ter preservado a posição de principal polo econômico e educacional da região, a elite culta local ficou à margem dos principais debates que agitavam a cena nacional nas primeiras décadas do século XX.

Pernambuco voltou a ter centralidade no debate nacional no pós-Segunda Guerra, quando a elite culta local experimentou um processo de “desprovincialização”, que originou uma nova sensibilidade em relação ao “espetáculo da pobreza” (Bresciani, 1982). A emergência de uma nova geração intelectual nesse contexto de grandes transformações colocou o processo de “modernização” como núcleo das investigações científicas sobre a realidade cultural e social nordestina e brasileira (Pécaut, 1990; Mota, 1977). Na medida em que as pesquisas sobre essa realidade em transformação se aprofundavam, mais a pobreza saltava aos olhos da intelectualidade² que frequentava os espaços de sociabilidade cultural, política e científica da cidade do Recife.

As experiências dos intelectuais desprovincializados³ foram vivenciadas a partir de bases sociais que podem ser subdivididas em três grupos: os “meninos de engenho”, oriundos de cidades da Zona da Mata pernambucana e pertencentes às famílias tradicionais cujo destino dependeu das oscilações da economia do açúcar e que, diante das mudanças em curso, migraram para o Recife com a expectativa de reclassificação social, preservando ou ressignificando os vínculos afetivos com sua classe de origem; os intelectuais recifenses cuja formação acadêmica foi realizada no Centro-Sul e no exterior; os intelectuais que migraram de outros estados nordestinos para a capital pernambucana e experimentaram vivências formativas intermitentes no Recife, no Rio de Janeiro e/ou no exterior.

As interações e convergências entre esses grupos no ambiente urbano da cidade do Recife, em seus espaços de sociabilidade e em suas instituições, conformaram uma experiência intelectual em relação à pobreza e uma determinada leitura acerca do subdesenvolvimento nordestino e brasileiro. A desprovincialização desses intelectuais serviu à causa das transformações sociais, culturais e políticas na medida em que ampliaram o debate sobre o subdesenvolvimento para além do âmbito econômico, gestando novas interpretações sobre o Nordeste no bojo do processo de modernização da sociedade e do Estado brasileiro. Dito isso, os fatores que despertaram o interesse de João Cabral pelo cotidiano dessas massas

² Intelectualidade entendida aqui em um sentido amplo como “categoria social definida por seu papel ideológico” como “produtores diretos da esfera ideológica”, “criadores de produtos ideológicos-culturais”, englobando “escritores, artistas, poetas, filósofos, sábios, pesquisadores, publicistas, teólogos, certos tipos de jornalistas, certos tipos de professores e estudantes etc.” (Lowy, 1979: 1).

³ O conceito e linha de argumentação se fundamentam nas análises de Peter Burke sobre as contribuições dos exilados e expatriados para a produção e difusão do conhecimento na Europa e nas Américas entre 1500-2000. Para Burke “Os exilados se desprovincializaram ao passar de uma cultura a outra, mas também ajudaram a desprovincializar seus anfitriões ao lhes apresentar não apenas novos saberes, mas, sobretudo, novos jeitos de pensar. Em suma, o exílio e, em menor medida, a expatriação, foram uma educação para ambos os lados desse encontro.” Apesar de essa migração interna que referenciamos não serem exílio ou expatriação, tanto o conceito quanto a linha de argumentação nos ajudam a pensar os deslocamentos efetuados por João Cabral de Melo Neto e os sentidos que esses deslocamentos deram para a forma como este intelectual pensou a pobreza e o subdesenvolvimento nordestino a partir da realidade urbana da cidade do Recife do pós-guerra. Sobre a linha de argumentação de Peter Burke (Burke, 2017: 21).

empobrecidas, nós buscaremos a partir da análise de sua formação familiar e intelectual. Essa perspectiva de análise procura entender esse processo como produto de uma historicidade que articula história intelectual e história urbana tendo sua centralidade na cidade do Recife.

Formação e trajetória intelectual de João Cabral de Melo Neto

João Cabral de Melo Neto nasceu no Recife, no dia 06 de janeiro de 1920. Filho e neto de grandes proprietários de terra, João Cabral passou sua primeira infância em engenhos de açúcar localizados em municípios próximos à cidade do Recife. Até os dez anos de idade, o poeta pernambucano morou em três engenhos. O primeiro foi o engenho Poço do Aleixo, localizado no município de São Lourenço da Mata. O segundo e o terceiro foram os engenhos Pacoval e Dois Irmãos, estes localizados no município de Moreno. A família Cabral de Melo era formada pelos seus pais Luiz Antonio Cabral de Melo e Carmem Carneiro Leão e seus seis irmãos, Virgílio, Leda, Maurício, Cláudio, Maria de Lourdes e Evaldo José.

A família de João Cabral se mudou para a cidade do Recife, em 1930. Nos eventos revolucionários daquele ano, seu pai, Luiz Antonio Cabral de Melo, defendeu a ordem vigente e se colocou ao lado do então governador Estácio Coimbra. Com a vitória dos revolucionários, o engenho onde a família Cabral de Melo morava foi invadido pela polícia. A ausência de segurança e de condições políticas favoráveis levou toda família a migrar para a capital pernambucana. No Recife, João Cabral estudou no Colégio São Luiz, uma tradicional instituição de educação básica dirigida pelos irmãos maristas. Ali, conseguiu cultivar e desenvolver o hábito de leitura que o acompanhava desde os tempos dos engenhos de açúcar, onde o garoto João Cabral gostava de ler histórias para os funcionários que trabalhavam nas propriedades de sua família (Marques, 2021).

Ao lado da paixão pela leitura e pelos livros, o poeta pernambucano cultivava vivo interesse pelo futebol. Dos campos localizados nos terrenos desocupados do Bairro do Monteiro, onde costumava jogar, João Cabral chegou a ser campeão juvenil pelo Santa Cruz Futebol Clube, em 1935 (Campedelli y Abdala Junior, 1982). No mesmo ano em que foi campeão pelo clube mais popular do estado de Pernambuco, João Cabral finalizou a etapa básica de seus estudos. Mas a sua frágil saúde não permitiu que o poeta pernambucano seguisse carreira nos campos de futebol e, também, o impossibilitou de prosseguir nos cursos preparatórios com vista a obter o título de Doutor em alguma prestigiosa Faculdade, aponta o filósofo e crítico literário Benedito Nunes (Nunes, 1974).

Vale a pena ressaltar dois aspectos dessa primeira fase da formação de João Cabral. O primeiro é o fato de o poeta pernambucano cultivar contatos, desde muito cedo, com pessoas de fora do seu círculo social. O segundo é que João Cabral não frequentou um dos principais espaços de sociabilidade intelectual dos jovens intelectuais recifenses: a Faculdade de Direito do Recife. Esses fatos foram importantes para a formação e trajetória intelectual de João Cabral, mas não foram decisivos para as suas predileções quanto à carreira profissional a seguir nem quanto aos temas trabalhados em sua poesia.

Para João Cabral, o convívio com a intelectualidade recifense no Café Lafayette exerceu a maior influência nas escolhas profissionais e no caminho que seguiu na literatura. O Lafayette, localizado na esquina da Rua do Imperador com a Rua Primeiro de Março, na região central da

cidade do Recife, era o reduto da elite intelectual pernambucana. Ali, se reunia em torno do escritor Willy Lewin e do pintor Vicente do Rego Monteiro, jovens intelectuais como Gastão de Holanda, Ledo Ivo, Benedito Coutinho, entre outros (Cadernos de Literatura Brasileira, 1996). João Cabral era primo de dois grandes intelectuais. Pelo tronco paterno, era primo do poeta Manoel Bandeira. Pelo tronco materno, era primo do sociólogo Gilberto Freyre. No entanto, foi na biblioteca do escritor Willy Lewin que João Cabral teve contato com as obras de Guillaume Appollinaire, Paul Valéry, Jean Giradoux, entre outras referências da literatura francesa que influenciaram sua produção poética (Campedelli y Abdala Junior, 1982).

No início da década de 1940, o jovem intelectual pernambucano se muda para o Rio de Janeiro. Na capital federal, João Cabral amplia sua rede de interlocutores estabelecendo vínculos de amizade com o poeta Murilo Mendes e sedimentando a amizade e a interlocução com o poeta Carlos Drummond de Andrade com quem se correspondia desde Recife, passando, com isso, a estabelecer novas camadas ao seu processo de desprovincialização intelectual iniciado na capital pernambucana. Ao lado do também poeta Joaquim Cardozo, estes poetas modernistas foram as principais influências que o jovem João Cabral teve no início de sua carreira. Cabe destacar que, embora a temática social apareça em vários escritos dos intelectuais brasileiros que influenciaram a poesia do ilustre poeta pernambucano, a visão trágica de país subdesenvolvido só aparece nos escritos de João Cabral a partir do tríptico do Capibaribe publicado nos anos de 1950.

As experiências vivenciadas na capital federal foram decisivas na formação da nova sensibilidade intelectual de João Cabral. Elas delinearam a sua sensibilidade na medida em que possibilitou ressignificar os vínculos afetivos com suas respectivas vivências de infância e com sua própria classe social. As reuniões no consultório do poeta e médico Jorge de Lima. As rodas literárias dos cafés Amarelinho e Vermelhinho (Cadernos de Literatura Brasileira, 1996). As transformações urbanísticas experimentadas pelo Rio de Janeiro nos anos 1940. As consequências da Guerra na dinâmica política da capital federal e no cotidiano dos brasileiros –João Cabral foi convocado para a Força Expedicionária Brasileira (FEB), mas foi dispensado por motivos de saúde. O clima político que indicava, desde 1943, a perda de força política do ditador Getúlio Vargas e a abertura do regime do Estado Novo. As eleições presidenciais de 1945 e a transição para o regime democrático, somados ao fato de o poeta viver longe da cidade do Recife, contribui para que João Cabral de Melo Neto, ao direcionar seu olhar para a realidade social pernambucana no início dos anos 1950, passasse a encará-la a partir de uma leitura trágica e realista.

João Cabral vivenciou as transformações políticas ocorridas nos anos 1940 a partir de um lugar privilegiado: o de funcionário público em órgãos da administração federal. Em 1943, por meio de concurso, o jovem intelectual ingressa no Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP). Criado em 1938, o DASP tinha como objetivo aprofundar a reforma administrativa proposta pelo governo Getúlio Vargas. Ali, concentravam-se as atividades de seleção e aperfeiçoamento dos funcionários administrativos, bem como a formulação e fiscalização das propostas orçamentárias do governo federal. João Cabral permaneceu no DASP exercendo a função de assistente de seleção até 1944. Em 1945, por meio de outro concurso, João Cabral ingressa no Itamaraty. O início de sua carreira diplomática é marcado por atividades no Departamento Cultural, no Departamento Político e na Comissão de Organismos Internacionais daquela instituição. Em 1947, o poeta e diplomata pernambucano deixa o Brasil para exercer a função de vice-cônsul, no Consulado Geral de Barcelona.

As obras publicadas por João Cabral na década de 1940 refletiam as transformações ocorridas no cenário político e social daqueles anos na medida em que o poeta, oriundo da elite agrária pernambucana, buscava responder àquelas novas circunstâncias a partir de uma forma poética que anulasse, em alguma medida, a sua subjetividade. Os novos tempos que surgiam a partir do processo de abertura política e democratização não permitiam mais uma visão amena sobre o papel das elites agrárias na perpetuação das estruturas arcaicas da sociedade brasileira. Nesse sentido, as flexões desenvolvidas por João Cabral a respeito da forma poética e do lugar do poeta nesses novos tempos era, também, uma forma de romper com o seu passado aristocrático. O ensaísta e crítico literário João Alexandre Barbosa teceu as seguintes considerações a respeito da poesia cabralina anterior às publicações dos anos 1950:

Não se chegou a isto, entretanto, sem um longo e atormentado caminho no exercício da poesia, desde a estréia, no livro *Pedra do sono*, de 1942, passando por *Os três mal-amados*, de 1943, por *O engenheiro*, de 1945, por *Psicologia da composição*, de 1947, e por *O cão sem plumas*, de 1950.

Na verdade, foi somente a partir deste último livro que o poeta encontrou uma modulação própria para incluir em sua poesia os resíduos de uma experiência pessoal, social e histórica, cuja tradução poética vinha sendo preparada pelos livros anteriores, marcados por intensa reflexão sobre a própria condição da poesia e do poeta.

[...] De fato, o texto de abertura da coletânea, “Poema”, já propõe a tensão entre a existência contemplativa do poeta e a sua fixação ainda inatingível pela palavra, de onde resulta um certo teor melancólico de que está impregnado: “Há vinte anos não digo a palavra/ que sempre espero de mim./ Ficarei indefinidamente contemplando/ meu retrato eu morto”. Logo mais adiante, esta consciência da impossibilidade de realização, não obstante os registros da sensibilidade, vai acoplar-se ao sentido agudo da condição inevitável do poeta, esmagado sob o peso daquela impossibilidade.

Entre a consciência poética e o tumulto das experiências, mais ainda, entre o desregramento das sensações e o desejo de um controle por meio das construções verbais, a relação entre o poeta e a poesia ganha, por assim dizer, uma enorme dramaticidade que é intensificada pelo esvaziamento da própria experiência, na medida em que esta não se submete à vontade de formalização do poeta (Barbosa, 1996: 64).

As indicações do crítico João Alexandre Barbosa sugerem a importância de se ir além das transformações puramente estéticas da poesia cabralina, na virada dos anos 1940/1950. Essa premissa, conforme a nossa linha argumentativa, parece-nos a chave para entender a nova sensibilidade demonstrada pelo poeta pernambucano a partir dos livros publicados nos anos de 1950. No seu tríptico do Capibaribe, João Cabral não amenizou a miséria. A fome, as habitações precárias espalhadas pela cidade, os flagelados das secas e as concentrações de miseráveis nas ruas do Recife foram interpretados por João Cabral como um *perigo social*⁴ a ser superado. A compreensão dos complexos problemas experimentados pela sociedade nordestina a partir

⁴ Esse conceito fixa a imagem da grandeza assustadora dos pobres e flagelados, exibindo suas necessidades e, com elas, falando uma linguagem política, colocando, portanto, na ordem do dia o espectro das multidões incontáveis presentes no cotidiano da cidade do Recife, nesse meio do século XX.

dessa perspectiva contribuiu para que o poeta pernambucano elaborasse uma leitura original sobre a cidade do Recife. As análises desenvolvidas por João Cabral também contribuíram para que o poeta se afastasse da sua herança aristocrática. Vale destacar que a visão amena em relação ao atraso socioeconômico da sociedade brasileira que imperou até os anos 1930 era fruto, em grande medida, do fato de a intelectualidade que produziu essas análises ter uma narrativa que não se contrapunha aos seus interesses de classe (Mota, 1977). Para a crítica social que João Cabral elaborou assumindo um discurso que aqui nomeamos de contra-elite, as vivências do poeta na capital federal e no exterior foram fundamentais⁵. Vejamos como essa interpretação do poeta pernambucano aparece nos versos dos poemas O cão sem plumas, O rio e Morte e vida severina.

A miséria como perigo social nos versos do tríptico do Capibaribe de João Cabral de Melo Neto

O cão sem plumas foi o primeiro poema publicado nos anos 1950 empenhado em realizar uma crítica da realidade socioeconômica da cidade do Recife. O conjunto do poema compõe quatro partes: Paisagem do Capibaribe I; Paisagem do Capibaribe II; Fábula do Capibaribe e Discurso do Capibaribe. Nas duas primeiras partes, João Cabral realizou uma descrição das paisagens degradadas do Rio Capibaribe. Nelas, o meio natural e humano se confundiam na composição do cenário subdesenvolvido da cidade. Nas duas últimas partes do poema, a ênfase recaiu nas formas como o Recife foi fecundado pela miséria. Já salientamos que a forma como a crítica social de João Cabral foi realizada se diferencia da crítica ensaística de viés acadêmico. No entanto, não é só na forma que reside a diferença. Até a publicação desse primeiro poema participante⁶ de João Cabral, o ensaio acadêmico mais significativo sobre as questões em torno da pobreza e da miséria da cidade do Recife foi a Geografia da Fome, de Josué de Castro. Nessa obra, que é o marco inicial a respeito de uma nova sensibilidade intelectual em relação à pobreza no imediato pós-guerra, Castro evidencia a miséria como catalizadora das questões urbanas da cidade do Recife (Castro, 1946). João Cabral mobilizou, nos versos de sua prosa poética, conceitos e imagens que se tornaram canônicos a partir do famoso ensaio de Josué de Castro. No entanto, na poesia de João Cabral, o espetáculo da pobreza nordestina foi analisado na perspectiva de *perigo social* a ser superado. Nesse sentido, a originalidade da crítica do poeta pernambucano não estava só na forma, mas também no conteúdo. Passemos a analisar como a miséria aparece como *perigo social* na prosa discursiva empregada em O cão sem plumas (Melo Neto, 1986):

I

(Paisagem do Capibaribe)

§ A cidade é passada pelo rio
como uma rua
é passada por um cachorro;

⁵ O artigo privilegia a formação de João Cabral de Melo Neto até a publicação dos poemas do início dos anos 1950.

⁶ Utilizamos aqui o conceito de poema participante no sentido apresentado pelo filósofo e crítico literário Benedito Nunes. Para este autor, o *poema participante* “é aquele que se define pelo seu uso prático, como arma de crítica social”. O autor ainda acrescenta que “a obra de João Cabral pode ser considerada uma arma de longo alcance, que mantém a realidade sob a mira de uma visão não-convencional, atingindo-a com os tiros certos da sátira (Nunes, 1974: 73).

uma fruta
por uma espada.

Nos primeiros versos de *O cão sem plumas* o poeta pernambucano dava ênfase à importância que o rio Capibaribe tem para a cidade do Recife. Ao iniciar sua narrativa poética frisando esse aspecto, João Cabral promoveu dois movimentos simultâneos: o primeiro foi o de indicar que a cidade do Recife cresceu a partir dos tentáculos do rio. O segundo, que a cidade cresceu desatenta como um cachorro que passa por uma rua, ou de forma violenta como uma fruta que passa por uma espada. Nas imagens construídas pelo poema, o rio pautava as transformações da cidade. Nesse sentido, a argumentação de João Cabral seguia com o foco na paisagem do rio:

§ Aquele rio
era como um cão sem plumas.
Nada sabia da chuva azul,
da fonte cor-de-rosa,
da água do copo de água,
da água de cântaro,
dos peixes de água,
da brisa na água.

§ Sabia dos caranguejos
de lodo e ferrugem.
Sabia da lama
como de uma mucosa.
Devia saber dos polvos.
Sabia seguramente
da mulher febril que habita as ostras.

Aquele era um rio sem adornos. Não existia, nele, nada que pudesse disfarçar sua condição degradada. Nas suas águas poluídas de lodo, ferrugem e lama, só caranguejos e ostras sobreviviam. João Cabral apresentava os elementos que indicavam a miséria como *perigo social* de forma espaçada ao longo da narrativa poética. Nas duas estrofes ora analisadas, a referência surgia com a “mulher febril que habita as ostras”. Essa foi a primeira menção que o poeta fez dos seres humanos que viviam da fauna poluída do Capibaribe. A mulher, que de tanto se alimentar de ostras era como se habitasse em uma delas, era um ser doente e frágil. Essa condição a colocava mais perto de um leito de hospital que de um pátio de fábrica ou do trabalho nos engenhos. A ideia de estagnação social e econômica presente nas imagens do rio poluído e da mulher febril foi reforçada nas passagens subsequentes.

§ Ele tinha algo, então,
da estagnação de um louco.
Algo da estagnação
do hospital, da penitenciária, dos asilos,
da vida suja e abafada

(de roupa suja e abafada)
por onde se veio arrastando.

§ Algo da estagnação
dos palácios cariados,
comidos
de mofo e erva-de-passarinho.
Algo da estagnação
das árvores obesas
pingando os mil açúcares
das salas de jantar pernambucanas,
por onde se veio arrastando.

A estagnação do rio não era regida pelo tempo natural. João Cabral deixava isso claro ao escolher trabalhar com as representações modernas de loucura, hospital, penitenciária e asilo. Essas imagens procuravam humanizar a estagnação do rio ao mesmo tempo em que possibilitava ao poeta pernambucano localizar as causas humanas que contribuíram para aquela condição de rio estéril. Para João Cabral, aquele estado infecundo do Capibaribe e das pessoas que dele viviam era fruto da dinâmica que crescia como árvores nas salas e cozinhas dos engenhos pernambucanos.

§ (É nelas, mas de costas para o rio,
que “as grandes famílias espirituais” da cidade
chocam os ovos gordos
de sua prosa.
Na paz redonda das cozinhas,
ei-las a revolver viciosamente
seus caldeirões
de preguiça viscosa).
§ Seria a água daquele rio
fruta de alguma árvore?
Por que parecia aquela
uma água madura?
Por que sobre ela, sempre,
como que iam moscas?
§ Aquele rio
saltou alegre em alguma parte?
Foi canção ou fonte
em alguma parte?
Por que então seus olhos
vinham pintados de azul
nos mapas?

A fecundidade dessa árvore podre de onde brotava os marginalizados da sociedade pernambucana era alimentada pelo descaso das elites agrárias em relação aos personagens da miséria. O poeta estabeleceu uma ligação entre a estagnação das elites moradoras “dos palácios cariados” com aquela encontrada no Capibaribe. Mas João Cabral afirmava que ambas eram frutos da condição de as grandes famílias endinheiradas da cidade do Recife estarem sempre de costas para o rio, personagem maior da miséria pernambucana. Esses argumentos perpassam todo o poema. Mas o ápice da crítica elaborada pelo poeta pernambucano em *O cão sem plumas* se encontra nas seguintes estrofes:

§ Na paisagem do rio
 difícil é saber
 onde começa o rio;
 onde a lama
 começa do rio;
 onde a terra
 começa da lama;
onde começa o homem
 naquele homem.
§ Difícil é saber
 se aquele homem
 já não está
mais aquém do homem;
mais aquém do homem
ao menos capaz de roer
 os ossos do ofício;
 capaz de sangrar
 na praça;
 capaz de gritar
se a moenda lhe mastigar o braço;
 capaz
de ter a vida mastigada
 e não apenas
 dissolvida
 (naquela água macia
 que amolece seus ossos
 como amoleceu as pedras).

Na primeira estrofe o poeta reforça a ideia de rio e de homem como entes indissociáveis. Nessa passagem há uma clara referência ao texto bíblico em que foi narrada a criação do homem. Segundo o livro de Gênesis, o homem foi forjado do pó da terra e em suas narinas foi soprado o fôlego da vida. A partir de uma leitura inversa, o homem dos versos de *O cão sem plumas* foi formado da lama podre e sem vida do Capibaribe. A referência aos aspectos de um homem sem vida alicerçava a ideia central desdobrada na segunda estrofe. Ao ser constituído

de lama, o homem estava destituído da força necessária para produzir os bens necessários para o desenvolvimento econômico da sociedade pernambucana.

No poema *O rio*, publicado em 1954, a crítica social elaborada por João Cabral focou as paisagens encontradas ao longo do trajeto do Capibaribe pelo estado de Pernambuco (Melo Neto, 1986). O poema é composto de vinte e nove partes. Os temas abordados em cada um desses segmentos privilegiaram aquilo que João Cabral observou em viagem realizada pelas cidades e povoados que margeavam o rio desde sua nascente até a cidade do Recife. A miséria que João Cabral encontrou nos lugares que visitou, fez o poeta pernambucano retomar e intensificar sua crítica social em relação ao espetáculo da pobreza recifense. No segmento intitulado “De Apipucos à Madalena”, vejamos o que diz o autor:

Vi muitos arrabaldes
ao atravessar o Recife:
alguns na beira da água,
outros em deitadas colinas;
muitos no alto de cais
com casarões de escada para o rio;
todos sempre ostentando
sua ulcerada alvenaria;
todos porém no alto
de sua gasta aristocracia;
todos bem orgulhosos,
não digo de sua poesia,
sim, da história doméstica
que estuda para descobrir, nestes dias,
como se palitava
os dentes nesta freguesia.

Nesses versos, o rio narrava o que via ao adentrar a cidade do Recife. João Cabral emprestava a sua voz ao Capibaribe e, por meio do rio, elaborava a sua crítica social. Nesse meio de século XX, a indicação do desgaste das moradias da elite recifense servia de argumento para assinalar que o descaso em relação à situação dos miseráveis do campo e das cidades tinha um preço para os ricos da capital pernambucana. A aristocracia recifense não possuía bens materiais para ostentar. O seu orgulho de moradores de casarões de ulcerada alvenaria estava nas antigas lembranças de um tempo em que os engenhos forneciam os meios para uma vida de bonança na capital do estado.

No segmento do poema intitulado “O outro Recife”, o poeta pernambucano analisou as condições das moradias dos marginalizados sociais que viviam na beira do Capibaribe. Vejamos o que diz o trecho em questão:

Casas de lama negra
há plantadas por essas ilhas
(na enchente da maré

elas navegam como ilhas);
casas de lama negra
daquela cidade anfibia
que existe por debaixo
do Recife contado em Guias.
Nela deságua a gente
(como no mar deságuam rios)
que de longe desceu
em minha companhia;
nela deságua a gente
de existência imprecisa,
no seu chão de lama
entre água e terra indecisa.

A cidade do Recife nos anos de 1950 teve um incremento populacional de 272,5 mil habitantes. Esse significativo crescimento populacional elevou o número total da população recifense a 797,2 mil pessoas (Melo, 1978). A cidade não acompanhou essa explosão demográfica. Os postos de trabalho eram insuficientes e um contingente expressivo de pessoas que não tinham como se sustentar recorreu a moradias precárias na beira do Capibaribe. Em “O outro Recife”, João Cabral traduziu em versos a realidade dos moradores dos mocambos fincados na beira dos rios da capital pernambucana. Nesse novo cenário poético, a identidade social da cidade do Recife era composta pelos traços da miséria. As casas de lama negra que foram apagadas das paisagens dos guias da cidade foram reintegradas ao Recife nos versos do poeta pernambucano. Essa apreciação crítica da pobreza estabeleceu um vínculo solidário entre a realidade decadente das elites recifenses e a dos miseráveis que habitavam os mocambos na beira dos rios. Apesar da retomada dessa perspectiva, presente também nos versos de O cão sem plumas, o cenário de subdesenvolvimento da cidade do Recife tinha, agora, causas bem identificáveis: o custo econômico e social da pobreza nos seus mais variados aspectos. Na parte final do segmento intitulado “As duas cidades”, o poeta pernambucano volta, mais uma vez, a essa linha argumentativa. Diz João Cabral:

A não ser esta cidade
que vim encontrar sob o Recife:
sua metade podre
que com lama podre se edifica.
É cidade sem nome
sob a capital tão conhecida.
Se é também capital,
será uma capital mendiga.
É cidade sem ruas
e sem casas que se diga.
De outra qualquer cidade
possui apenas polícia.
Desta capital podre
só as estatísticas dão notícia,

ao medir sua morte,
pois não há o que se medir em sua vida.

A má consciência da aristocracia recifense em relação às *questões urbanas* da cidade do Recife deixou de figurar nos últimos segmentos do poema O rio. A pobreza não era mais resíduo do descaso da elite endinheirada. A cidade de lama podre se encontrava sob o Recife em uma nítida referência à miséria como uma questão de ordem estrutural. Na medida em que João Cabral aprofundava suas análises em relação à condição de vida e trabalho das populações empobrecidas da cidade do Recife, mais o poeta dava destaque às condições de ordem política e econômica que contribuíram para o estado de pobreza da capital pernambucana. Analisemos o que o poeta dizia na sequência de seus versos:

Conheço toda a gente
que deságua nestes alagados.
Não estão no nível de cais,
vivem no nível da lama e do pântano.
Gente de olho perdido
olhando-me sempre passar
como se eu fosse trem
ou carro de viajar.
É gente que assim me olha
desde o sertão do Jacarará;
gente que sempre me olha
como se, de tanto me olhar,
eu pudesse o milagre
de, num dia ainda por chegar,
levar todos comigo,
retirantes para o mar.

João Cabral sugeria que para conhecer melhor o complexo problema da realidade subdesenvolvida da cidade do Recife era necessário ir além das análises sobre as condições de vida das massas de miseráveis espalhadas nas margens dos rios que cortavam a capital pernambucana. O reconhecimento da ameaça contida nas multidões empobrecidas exigia a familiaridade das circunstâncias que levaram um contingente expressivo de pessoas migrarem do interior para a cidade do Recife.

A partir dos anos 1940, as regiões do Agreste e do Sertão pernambucano passaram a receber maior atenção por parte do governo do estado. As propostas políticas do interventor Agamenon Magalhães buscavam valorizar uma relação mais estreita com as lideranças políticas do interior, os conhecidos “coronéis”. O fortalecimento dessa aliança se pautava em uma nova política agrícola cujas bases estavam na formação de cooperativas agrícolas nos núcleos urbanos mais dinâmicos do interior do estado (Pandolfi, 2015). No plano político, o interventor logrou êxito ao enfraquecer o secular poder das oligarquias açucareiras da Zona da Mata. Mas embora a engrenagem política montada por Agamenon Magalhães tenha dinamizado a política

agrícola estadual, não arrefeceu os problemas sociais das multidões de miseráveis que viviam no campo.

A política agrícola do interventor pernambucano foi ineficaz em relação aos problemas sociais e econômicos das populações pobres do campo porque não contribuiu para acabar com o sistema de exploração aos quais as massas de miseráveis estavam submetidas. Os camponeses sofriam, igualmente, dos problemas climáticos. As regulares secas que transformavam grandes extensões de terras em desertos, matando o gado e as poucas plantações, reduzia a oferta de alimentos a patamares inferiores ao mínimo necessário para o corpo se manter saudável. Esses fatores de ordem política, econômica e climática deixavam os camponeses sem esperança de dias melhores.

Era essa especificidade que João Cabral representava nos versos da última parte do segmento “As duas cidades”. Alarmado com o que viu no interior pernambucano o poeta procurava dimensionar o sofrimento dos retirantes que “desaguavam” nos alagados da cidade do Recife. A ênfase dada ao olhar perdido dos pobres que acompanhava o trajeto do poeta a caminho do mar evidenciava a situação precária dos moradores do campo. A escassez de água e de alimento levavam os camponeses à penúria, à falta de esperança. A única coisa que lhes restavam era assistir a vida passar personificada na figura do poeta.

Seja no interior ou na cidade, a condição de vida dos miseráveis não se alterava. Essa característica permanece acentuada no último segmento do poema intitulado “Os dois mares”. Mas foi no Auto de Natal Morte e vida severina, publicado em 1956, que João Cabral levou ao limite sua crítica social em relação ao espetáculo da pobreza nordestina. A estrutura narrativa do texto mais conhecido do poeta pernambucano segue uma composição diferente dos poemas anteriores. O texto foi escrito por encomenda da dramaturga Maria Clara Machado. Mais do que um poema, tratava-se de uma peça teatral que deveria ser encenada no Teatro Tablado, uma renomada escola de teatro localizada na cidade do Rio de Janeiro. Inicialmente a peça não chegou a ser montada. João Cabral indicou dois motivos para a falta de interesse da diretora em encenar o seu texto. Segundo o poeta, Maria Clara Machado não considerou a obra um autêntico Auto de Natal e, à época, o Tablado não tinha a estrutura técnica necessária para montar a encenação (Cadernos de Literatura Brasileira, 1996: 25). No entanto, naquele mesmo ano, João Cabral publicou em livro a obra que havia pensado para o teatro.

O poema foi escrito em dezoito segmentos. Neles, João Cabral narrou as experiências vivenciadas pelo retirante Severino ao longo de sua caminhada em direção à cidade do Recife. O olhar atento do poeta esquadrinhou a vida cotidiana da personagem-protagonista abordando temas caros às dimensões socioeconômicas da região Nordeste. A simplicidade da vida no campo, a opressão nos lugares de trabalho e o percurso dos pobres pelos espaços públicos foram objeto de análise de João Cabral, em Morte e vida severina. As representações contidas no poema trazem à tona uma minuciosa análise do terreno onde germinava o mais significativo *perigo social* da região Nordeste: os miseráveis marginalizados. Para o poeta, a convulsão social experimentada pelo Recife, em meados do século XX, só poderia ser sanada na medida em que os párias sociais fossem reintroduzidos à dinâmica social e econômica daquela cidade. Vejamos de que forma essas análises surgem ao longo do poema.

O RETIRANTE EXPLICA AO LEITOR QUEM É E A QUE VAI

[...] Somos muitos Severinos
iguais em tudo na vida:
na mesma cabeça grande
que a custo é que se equilibra,
no mesmo ventre crescido
sobre as mesmas pernas finas,
e iguais também porque o sangue
que usamos tem pouca tinta.

E se somos Severinos
iguais em tudo na vida,
morremos de morte igual,
mesma morte Severina:
que é a morte de que se morre
de velhice antes dos trinta,
de emboscada antes dos vinte,
de fome um pouco por dia
(de fraqueza e de doença
é que a morte Severina
ataca em qualquer idade,
e até gente não nascida).
Somos muitos Severinos
iguais em tudo na sina:
a de abrandar estas pedras
suando-se muito em cima,
a de tentar despertar
terra sempre mais extinta,
a de querer arrancar
algum roçado da cinza.

Mas, para que me conheçam
melhor Vossas Senhorias
e melhor possam seguir
a história de minha vida,
passo a ser o Severino
que em vossa presença emigra.⁷

A simplicidade da vida no campo ganhava uma nova perspectiva nos versos de João Cabral. A personagem-protagonista simbolizava todo um conjunto de pessoas cuja semelhança não estava só no nome. Os muitos Severinos do interior do estado de Pernambuco compartilhavam, igualmente, os corpos esqueléticos; os ventres inchados; e a iminência da morte prematura. João Cabral demonstrava toda a sua apreensão ante essa concentração humana perseguida pela morte arrastar consigo toda a sociedade pernambucana. As ideias do poeta

⁷ Os trechos do poema *Morte e vida severina* que mobilizaremos nas citações fazem parte da seleção de textos realizada pelo crítico literário José Fulaneti de Nadai (Nadai y Campedelli, 1982: 45-51).

contrastavam com a concepção que enxergava as massas de retirantes como contribuição ao desenvolvimento econômico na medida em que engrossavam as reservas de mão de obra de baixo custo⁸. Nos versos de *Morte e vida severina*, João Cabral estabeleceu uma nítida diferenciação entre os vivos e os mortos. No primeiro grupo estavam aqueles inseridos no sistema produtivo. No segundo, os que sobreviviam à custa da condescendência da sociedade. Na sequência do poema João Cabral, como fez nos poemas anteriores, apontava que a situação do retirante não se modificava ao chegar à cidade do Recife. Na perspectiva do poeta, inscrita nos três poemas analisados, era essa condição que transforma as multidões empobrecidas em *perigo social* a ser equacionado. Vejamos o que diz o João Cabral:

O RETIRANTE APROXIMA-SE DE UM DOS CAIS DO CAPIBARIBE:

- Nunca esperei muita coisa,

é preciso que eu repita.

Sabia que no rosário

de cidades e de vilas,

e mesmo aqui no Recife

ao acabar minha descida,

não seria diferente

a vida de cada dia:

que sempre pás e enxadas

foices de corte e capina,

ferros de cova, estrovengas

o meu braço esperariam.

[...]

E chegando, aprendo que,

nessa viagem que eu fazia,

sem saber desde o Sertão,

meu próprio enterro eu seguia.

A presença dos retirantes na cidade do Recife foi considerada pelo poeta um fenômeno inquietante. Nesse sentido, a imagem da cidade-cemitério foi o recurso literário utilizado pelo autor para dar vazão à leitura da nova realidade da cidade do Recife que se lhe apresentava em meados do século XX. No plano nacional, a sociedade brasileira passava por um intenso processo de industrialização. Na região Nordeste, os efeitos desse processo eram pouco significativos quando o poeta escreveu *Morte e vida severina*. No entanto, no segmento em que o poeta analisava a vida cotidiana dos retirantes na capital pernambucana, a cidade foi interpretada a partir de uma perspectiva cuja organização social era pautada pelo *sistema de trabalho*. Desse modo, para o poeta, a morte só deixaria de ser uma realidade quando as multidões de Severinos fossem incorporadas ao sistema produtivo da cidade do Recife. A concepção de *sociedade do trabalho* de João Cabral se evidenciava ao longo de todo o poema. Em alguns trechos, a estrutura dramática na qual a obra foi criada realçava ainda mais o ponto de vista do autor. Vejamos:

⁸ Sobre a visão dos industriais recifenses que viam os flagelados que migravam para o Recife como uma estimada reserva de mão de obra, ver: (Lopes, 2015: 13-21).

APROXIMA-SE DO RETIRANTE O MARADOR DE UM DOS MUCAMBOS QUE
EXISTEM ENTRE O CAIS E A ÁGUA DO RIO:

- Seu José, mestre carpina,
que habita este lamaçal,
sabe me dizer se o rio
a esta altura dá val?
sabe me dizer se é funda
esta água grossa e carnal?
- Severino, retirante,
jamais o cruzei a nado;
quando a maré está cheia
vejo passar muitos barcos,
barcaças, alvarengas,
muitas de grande calado.
- Seu José, mestre carpina,
para cobrir corpo de homem
não é preciso muita água:
basta que chegue ao abdome,
basta que tenha fundura
igual à de sua fome.
- Severino, retirante,
pois não sei o que lhe conte;
sempre que cruzei este rio
costumo tomar a ponte;
quanto ao vazio do estômago,
se cruza quando se come.

Severino não acreditava que poderia atravessar a vida, representada nos versos pelo rio Capibaribe. O mestre carpina, experiente morador dos mocambos recifenses, explicava ao retirante recém-chegado que a travessia era possível, desde que realizada por meio de uma ponte. Nas águas profundas daquele rio, por onde passavam as embarcações do desenvolvimento econômico, a ponte evocada pelo mestre carpina era o trabalho que poderia proporcionar ao retirante uma travessia segura pelo rio da vida. No diálogo entre as personagens, não há qualquer representação literária que indique temor de um motim por parte das multidões de miseráveis. A possibilidade de uma jornada revolucionária não passava pelo horizonte do poeta. Essa perspectiva ficou nítida no último segmento do poema:

O CARPINA FALA COM O RETIRANTE QUE ESTEVE DE FORA, SEM TOMAR
PARTE EM NADA:

- Severino retirante,
deixa agora que lhe diga:
eu não sei bem a resposta
da pergunta que fazia,
se não vale mais saltar

fora da ponte e da vida;
nem conheço essa resposta,
se quer mesmo que lhe diga;
é difícil defender,
só com palavras, a vida,
ainda mais quando ela é
esta que vê, Severina;
mas se responder não pude
à pergunta que fazia,
ela, a vida, a respondeu
com sua presença viva.

E não há melhor resposta
que o espetáculo da vida:
vê-la desfiar seu fio,
que também se chama vida,
ver a fábrica que ela mesma,
teimosamente, se fabrica,
vê-la brotar como há pouco
em nova vida explodida;
mesmo quando é assim pequena
a explosão, como a ocorrida;
mesmo quando é uma explosão
como a de há pouco, franzina;
mesmo quando é a explosão
de uma vida Severina.

No clímax do texto poético, João Cabral evidenciava que a convulsão da sociedade se daria pela morte prematura do retirante. Para esse perigo, inicialmente não havia uma resposta. A morte acompanhava Severino desde o Sertão. Por onde o retirante passava, ele testemunhava o rastro desolador que as condições climáticas e a falta de emprego legavam aos moradores do campo. A dúvida entre continuar vivendo aquela realidade na capital do estado ou “saltar fora da ponte e da vida” era constante e difícil de equacionar. Mas diferentemente do campo, a cidade não era lugar só de morte. Ali era também lugar de vida, mesmo que essa vida fosse uma vida franzina e severina. Nas imagens construídas por João Cabral, a presença das multidões empobrecidas na cidade não representava a possibilidade de um fenômeno revolucionário porque o poeta demonstrava otimismo na capacidade do retirante produzir seu próprio sustento. Para o poeta, só a “ponte do trabalho” afastaria o retirante da iminência constante da morte e, conseqüentemente, o Recife da sua condição de cidade subdesenvolvida.

Esses poemas passaram por distintos períodos de composição. O cão sem plumas e O rio foram pensados e escritos no intervalo dos meses dos seus respectivos anos de publicação: 1950 e 1954. Morte e vida severina foi escrito no período de dois anos: 1954/1956. No momento da escrita, João Cabral também se dedicava a outras atividades, fossem do âmbito profissional ou da sua vida pessoal. Nesse sentido, o poeta chegava a passar meses sem trabalhar os versos que

já havia começado a elaborar (Cadernos de Literatura Brasileira, 1996: 27; Marques, 2021: 60). Essa dinâmica de produção poética explica a construção conceitual apresentada nas obras analisadas. A perspectiva de João Cabral de ler a pobreza como *perigo social* a partir dos conceitos de *estagnação social*, *custo econômico da pobreza* e *sociedade do trabalho* partiu das experiências vivenciadas em momentos distintos até mesmo na elaboração dos poemas que mobilizam os referidos conceitos.

Considerações finais:

Essas novas percepções sensíveis e reflexões sistemáticas sobre a realidade dos pobres e miseráveis nordestinos marcaram, no âmbito da poesia, a passagem da consciência amena do atraso para a consciência trágica do subdesenvolvimento. No estado que, em meados do século XX, ainda tinha, majoritariamente, os grupos urbanos vinculados a modelos arcaicos de economia e sociedade cujos alicerces eram os interesses das elites ligadas à agricultura de exportação, à indústria extrativista, bem como a um sistema de criação de gado em baixa escala (Skidmore, 1988), a posição ocupada por João Cabral de Melo Neto era a de contribuir para o desenvolvimento de uma espécie de autocompreensão moderna de país a partir de uma experiência regional e local.

Essa ação intelectual, cujo cerne era a observação, o registro e a reflexão sobre a pobreza, criou no âmbito literário dos círculos intelectuais da cidade do Recife, uma espécie de *páthos* intelectual. Como consequência direta, João Cabral inaugurou na esteira de suas reflexões literárias uma nova ideia de Nordeste e de Brasil.

No âmbito da literatura, as experiências pelas quais passou João Cabral o possibilitou uma nova sensibilidade em relação aos pobres e miseráveis que aumentavam de forma exponencial na capital pernambucana nesse meio de século XX dada a decadência econômica da zona açucareira, o impacto das secas endêmicas e a atração das regiões urbanas por novas oportunidades econômicas. Essa nova sensibilidade intelectual vivenciada a partir de bases sociais bem delineadas ressignificou os vínculos afetivos de João Cabral com sua própria classe social e conformou na sua poesia um tempo histórico específico em termos de experiência intelectual em relação à pobreza, adensando uma determinada leitura acerca do subdesenvolvimento nordestino e brasileiro.

Bibliografia:

Andrade, Francisco Pedrosa de (2019): *As letras da miséria: a representação da pobreza no campo literário e intelectual do Recife (1958-1964)*. Dissertação de mestrado em História. Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife.

Andrade, Manuel Correia de (1963): *A Terra e o Homem no Nordeste*, Brasiliense, São Paulo.

Barbosa, João Alexandre (1996): "A lição de João Cabral" in: *Cadernos de Literatura Brasileira: João Cabral de Melo Neto*, Instituto Moreira Salles, São Paulo, pp. 62-105.

Burke, Peter (2017): *Perdas e ganhos: exilados e expatriados na história do conhecimento na Europa e nas Américas, 1500-2000*, Editora Unesp, São Paulo.

Bresciani, Maria Stella Martins (1982): *Londres e Paris no Século XIX. O Espetáculo da Pobreza*, Brasiliense, São Paulo.

Campedelli, Samira Youssef; Abdala Junior, Benjamin (1982): *Literatura comentada: João Cabral de Melo Neto*, Editora Abril, São Paulo.

Carvalho, José Murilo de (2021): *Cidadania no Brasil: o longo caminho*, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro.

Castro, Josué de (1946): *Geografia da Fome: A Fome no Brasil*, O Cruzeiro, Rio de Janeiro.

Castro, Josué de (1984 [1946]): *Geografia da fome: o dilema brasileiro: pão ou aço*, Antares, Rio de Janeiro.

Cadernos de Literatura Brasileira: João Cabral de Melo Neto (1996): Instituto Moreira Salles, São Paulo.

Candido, Antônio (1989): “Literatura e subdesenvolvimento”, in: Candido, Antônio, *A educação pela noite & outros ensaios*, Ática, São Paulo, pp. 140-162.

Furtado, Celso (1964): *Dialética do desenvolvimento*, Fundo de Cultura, Rio de Janeiro.

Furtado, Celso (2007 [1959]): *Formação Econômica do Brasil*, Companhia das Letras, São Paulo.

Furtado, Celso (2009): *O Nordeste e a saga da Sudene 1958-1964*, Contraponto/Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento, Rio de Janeiro.

Lopes, José Sergio Leite (2015): “Paradoxos e reviravolta do campo político em Pernambuco de Agamenon Magalhães”, in: Pandolfi, Dulce Chaves. *Pernambuco de Agamenon Magalhães: consolidação e crise de uma elite política*, Editora Massangana, Recife, pp.13-21.

Marques, Ivan (2021): *João Cabral de Melo Neto: uma biografia*, Todavia, São Paulo.

Melo, Mario Lacerda de (1978): *Metropolização e subdesenvolvimento: o caso do Recife*. Recife, Editora da Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

Mota, Carlos Guilherme (1977): *Ideologia da cultura brasileira: 1933-1974*, Ática, São Paulo.

Nadai, José Fulaneti de y Campedelli, Samira Youssef (1982): *Literatura comentada: João Cabral de Melo Neto*, Editora Abril, São Paulo.

Nunes, Benedito (1974): *João Cabral de Melo Neto*, Vozes, Petrópolis.

Oliveira, Francisco de (1977): *Elegia Para Uma Re(li)gião: Sudene, Nordeste - Planejamento e Conflito de Classes*, Paz e Terra, Rio de Janeiro.

Oliveira, Francisco de (2003): *A navegação venturosa: ensaios sobre Celso Furtado*, Boitempo Editorial, São Paulo.

Oliveira, Francisco de (2008): *A noiva da revolução / Elegia para uma re(li)gião*, Boitempo, São Paulo.

Page, Joseph A (1972): *A revolução que nunca houve*, Editora Record, Rio de Janeiro.

Pandolfi, Dulce Chaves (2015): *Pernambuco de Agamenon Magalhães: consolidação e crise de uma elite política*, Editora Massangana, Recife.

Pandolfi, Dulce Chaves (2003): “Os anos 1930: as incertezas do regime”, in: Ferreira, Jorge; Delgado, Lucilia de Almeida Neves. (Orgs.), *O Brasil Republicano vol. 2. O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, pp. 15-37.

Pontual, Virginia (2001): *Tempos do Recife: representações culturais e configurações urbanísticas*. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 21, n.42, pp. 417-434.

Pécaut, Daniel (1990): *Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação*, Editora Ática, São Paulo.

Santiago, Silvano (2006): *Ora (direis) puxar conversa!: ensaios literários*, Editora UFMG, Belo Horizontes.

Löwy, Michael (1979): *Para uma sociologia dos intelectuais revolucionários*, Editora Ciências Humanas, São Paulo.

Fontes:

Melo Neto, João Cabral (1954): *O Rio: ou, Relação da viagem que fez o Capibaribe de sua nascente a cidade do Recife*, Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, Serviços de Comemorações Culturais, São Paulo.

Melo Neto, João Cabral (1956): *Morte e Vida Severina*, José Olympio, São Paulo.

Melo Neto, João Cabral (1986): *Poesia Completa (1940-1980)*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa.